

A SEMANA na África

Clipping sobre PALOP e África Austral

De 24 a 30 de janeiro de 1993

nº 72

Angola: Paralelamente ao agravamento dos combates por todo o país, cresce a pressão internacional pela realização da reunião político-militar entre o governo e a UNITA.

A frase mais pronunciada durante a penúltima semana de janeiro, em Luanda, fora a seguinte: "Huambo está a transformar-se numa nova Beirute". Esta afirmação é confirmada pelos números até agora levantados, que apontam para mais de 2 mil mortos e 50% dos prédios destruídos só na capital da província, onde está instalado o estado-maior da UNITA. Em decorrência desses dados, o desânimo tomou conta dos mediadores internacionais, em particular da representante do secretário-geral da ONU, Margareth Anster, cujo prazo oficial de sua missão expira em fins de janeiro.

A proliferação dos intensos combates por todo o país produziu um certo recuo tanto do governo quanto da UNITA no que se refere a realização de uma reunião político-militar entre ambos, que aconteceria entre os dias 29 e 31 de janeiro, em Addis Abeba. Os comunicados emitidos pelas duas partes em confronto, baseados apenas em acontecimentos militares, espelha bem o impasse em que se encontram as negociações.

O acirramento dos combates entre os dois beligerantes provocou um maior empenho, por parte dos observadores internacionais, na busca de uma solução negociada para a crise angolana. Todavia, não podemos esquecer que ao lado do agravamento da luta existem outros dois fatores que impulsionaram esta pressão internacional: o ataque da UNITA às regiões petrolíferas e a confirmação de vôos sul-africanos em ajuda à UNITA.

A estratégia de Jonas Savimbi de atacar "onde dói mais" parece não ter agradado aos EUA, que já deixaram claro que condenarão qualquer ataque da UNITA a Cabinda, região onde existem companhias americanas trabalhando na produção petrolífera.

Por outro lado, os vôos realizados pela África do Sul em auxílio às tropas de Savimbi foram identificados pelo Zimbábue e, segundo as últimas informações, um Hércules C-130 sul-africano teria sido abatido pelas FAA.

A confirmação desses dois fatores tenderá a reforçar a atuação do MPLA no campo internacional, onde possui larga vantagem sobre a UNITA. (p. 1 à 12) MB

NESTA EDIÇÃO:

Carlos Lopes escreve sobre a questão racial no Zimbábue

A escritora Diana Andringa expõe sua visão do conflito angolano.
p.06

A caça aos zairenses em Luanda
p.07

Entrevista do general Nunda, mais um dissidente da UNITA
p.08

A crise angolana no contexto austral
p.10

Informativo de circulação restrita editado pelo Programa de Estudos Africanos do CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ASIÁTICOS — CEEA do Conjunto Universitário Candido Mendes.

Secretaria: Ana Cristina Macedo de Souza. Rua da Assembléia, 10, Sala 501. Telefone: 224-8622 R. 259; 221-3536; Fax: (5521) 2324782. Rio de Janeiro — Brasil Cep: 20011.

Zimbabwe, país onde branco e preto não criam cinzento



vozes em português

Carlos Lopes*

Imaginem um país onde a infra-estrutura é razoável e diversificada, as escolas públicas até podem ter piscinas e "courts" de ténis privados, os jardins das cidades são cuidadosamente tratados e abundantes. Um país onde nos hospitais os enfermeiros estão impecavelmente vestidos, os médicos vigilantes e competentes, onde as Universidades dispensam cursos de qualidade. Um país com correios que funcionam, com bancos em cada esquina, com estações de serviço abertas as 24 horas do dia, com supermercados bem abastecidos de produtos variados e sofisticados, e ainda por cima de produção nacional.

Tudo isto no Zimbabwe, país independente desde 1980, herdeiro da riqueza rodésiana, o país que Cecil Rhodes escolheu para se instalar e morrer. Ele está sepultado no meio do Parque Natural de Matopos, perto da cidade de Bulawayo, a segunda do Zimbabwe, um dos polos económicos do país, já com quase 1 milhão de habitantes.

Este país de que vos falo está obviamente acima da média africana e os indicadores de desenvolvimento humano das Nações Unidas colocando-no no "top ten" do continente marginalizado. Fascinante experiência a de conhecer uma realidade que não se aparenta à média a que nos habituaram os nossos irmãos africanos e que nos dá a satisfação e o regalo de poder dizer que em África também há...

Passada esta efervescência emocional, e tentando ir para além da percepção mediática, descobrimos um país com historicidades cruzadas, segundo a cor da pele; com um património espectacularmente desconhecido e com um regime político que transfere para a vivência institucional as contradições de uma realidade complexa e difícil.

Muitos africanos, e alguns ocidentais, ficarão assustados com as manchetes da irreverente imprensa zimbabweana — Os massacres da 5ª Brigada no Matabeleland; Presidente interpela Parlamento sobre não aprovação do orçamento para os cargos de governadores provinciais; Chefe da polícia demitido por uso indevido de veículos sob custódia — ou no jornal do partido no poder ZANU-PF... — Endogeneização da economia como prioridade nacional.

Endogeneizar significa, em termos claros, pretizar. Esta é apenas uma das inúmeras metáforas utilizadas num país que se cura dificilmente do seu passado de "apartheid" recorrendo invulgarmente a uma diplomacia sócio-linguística. Harare está dividida em subúrbios densos (pretos) e pouco densos (brancos), o comércio em grandes corporações (brancas) e pequenas (pretas), a agricultura entre fazendeiros comerciais (brancos) e comunais (pretos). Cada comunidade de cor têm as suas próprias organizações laborais, sociais e culturais. No teatro REPS de Harare ou no exclusivo Harare Club pode-se ver uma multidão toda branca, enquanto um espectáculo de Kwasa Kwasa não terá um único representante da minoria. Um torneio de críquete ou de natação, para já não falar de uma corrida de cavalos no Hipódromo de Borrowdale, atrairá uma multidão branca, enquanto um jogo de futebol apenas contará com espectadores pretos.

Neste país não há misturas, não há ambientes cinzentos que não se façam objecto de codificação precisa. Pode-se ver brancos e pretos trabalhar juntos ou frequentarem o mesmo cinema, mas não tomarão chá no mesmo sítio e deixarão algumas cadeiras vagas para guardar distância. Os cinzentos, os que ousam transpor estas barreiras, são pessoas corajosas que vão ter que viver a sua paixão pelo futuro adentro. Escolha difícil e inconfortável, com reflexos em cada momento do dia, desde a maneira como os seus filhos serão vistos na escola até ao restaurante que frequentam.

Mas não me interpretem mal. No Zimbabwe não há oficialmente discriminação racial. Só que o autor do bonito edifício-sede do partido no poder é um arquitecto que recusou alugar a sua casa a um colega meu da Unesco porque era preto. Outro exemplo: uma das minhas vizinhas — brancas — de Harare convidou-nos para uma festa onde eu era o único não claramente loiro, para logo perceber que os seus inúmeros convidados não me falavam.

Quando se entra num dos grandes supermercados de Harare, surpreende-nos encontrar uma série de pessoas descalças. São brancos, todos eles, que, segundo a interpretação de um amigo latino-

PÚBLICO

24.1.93 PÚBLICO

ricano, estão a demonstrar que a terra é deles. De facto, essa é a impressão que se tem quando a televisão noticia cerimónias com juizes de cabeleiras artificiais louras ou "mayors" com babetes bordados, segundo a tradição aristocrática britânica.

No Zimbabwe, os africanos continuam a comportar-se segundo os padrões de reconhecimento de quem é civilizado e quem não o é.

Só entra nessa categoria quem é capaz de provar ter adquirido valores que são definitivamente ocidentais. Do porte de casaco e gravata até aos mais ínfimos pormenores, é aparente o reflexo condicionado dos cidadãos. Outra demonstração da mesma dimensão é, certamente, o papel omnipresente da religião, através das inúmeras confissões protestantes.

A pudicícia e o puritanismo lembram-nos, porém, a dimensão temporal. Recentemente, um jornal independente fez um inquérito sobre as manifestações e contramanifestações contra o porte da mini-saia na Universidade. Os alunos másculos não tinham nenhum pudor em afirmar que tal traje era um convite à violação. Este tipo de atitudes lembra-nos que a moral da sociedade urbana do Zimbabwe, não só é profundamente marcada pelos valores dos tempos passados como se refugia na ideia do civilizado bem-comportado.

Para os africanos deste país, o acesso ao que os brancos já têm e fazem é mais importante do que a construção de um mundo novo. Daí a quererem ser o que os brancos são vai um passo, que muitos não hesitam em transpor.

Por todas estas razões, continuar-se-á a ver no Zimbabwe pessoas fardadas, de alunos a empregados ou guardas domésticos. Não é que nada tenha mudado! O poder político até está nas mãos da maioria. Mas, situações cinzentas, muito dificilmente as haverá.

Cecil Rhodes pode continuar tranquilo em Matopos. Selous também. E muitos outros heróis da Rodésia que, apesar de já não darem nomes às ruas de Salisbúria, continuam presentes nas de Harare. ■

*sociólogo guineense

UNITA ABATE AVIÃO — O estado-maior das Forças Armadas Angolanas anunciou ontem à noite a perda de um avião, abatido pela UNITA na região do Huambo. (ver pág. 10)

Savimbi ataca o petróleo

PÚBLICO

TERÇA-FEIRA, 19 JANEIRO 1993

Fernando Sousa

Tropas da UNITA lançaram ontem de manhã uma ofensiva contra a cidade de Soyo (antiga Santo António do Zaire), província do Zaire, anunciaram, em Luanda, fontes governamentais, acrescentando que os combates continuaram, violentos, durante toda a tarde.

Entrevistado pela TSF, o vice-cônsul de Portugal em Angola, Jorge Gonçalves, disse que os portugueses que trabalham na região foram evacuados "como medida de precaução" para navios pertencentes a várias empresas, aguardando que a situação regressasse ao normal para retomarem o trabalho.

Fontes da embaixada portuguesa contactadas pela agência Lusa referiram 30 cidadãos nacionais evacuados, entre os quais, segundo apurou o PÚBLICO, seis trabalhadores da Soares da Costa, empresa envolvida na construção de infra-estruturas para as companhias petrolíferas Shell, Elf, Agip e Elf. "Mandámos um barco nosso buscá-los e estão todos a salvo", disse um porta-voz da empresa.

Segundo António Costa, os seis portugueses "foram evacuados como medida de precaução, logo de manhã, antes mesmo da ocorrência de quaisquer confrontos junto da base de Kuanda, lugar

onde habitam juntamente com trabalhadores de outras empresas".

A UNITA parece ter conseguido atingir o coração da economia angolana, levando os combates ao centro da segunda maior região petrolífera do país. Savimbi avisara na semana passada que faria xoque-mate aos principais interesses governamentais, referindo-se também à produção diamantífera, já paralisada.

A situação na província do Zaire permanecia confusa. Domingo, a Rádio Nacional de Angola desmentiu que a UNITA controlasse Mbanza Congo, a capital, cuja ocupação o movimento de Jonas Savimbi reivindicou na semana passada. A emissora oficial diz que os combates continuam. Os atacantes estariam a receber apoio de mercenários zaienses, entre os quais alguns brancos, e a "tentar ocupar a cidade".

Guerra de comunicados

O avanço e o recuo de tropas, as posições disputadas, o número de baixas, mas sem especificação das ocorridas em ambos os lados, os estragos materiais e, de uma maneira geral, o carácter vitorioso das ofensivas, substituíram as propostas de diálogo político nos comunicados dos dois la-

dos, no momento em que as agências noticiosas têm dificuldade em apurar informações de fonte independente.

Os combates regressaram de madrugada às localidades de Doque e Toco, província de Huila, distantes respectivamente 53 e 30 quilómetros de Lubango, de onde a UNITA tinha sido repelida há uma semana, disse à Lusa o general Salviano Sequeira "Quianda", comandante da Região Militar Sul. A mesma fonte referiu um morto e seis feridos nos confrontos.

Salviano Sequeira acrescentou que a UNITA está a concentrar a cerca de 90 quilómetros de Lubango as tropas que recuaram de Benguela e Mucuí. Colunas provenientes de Mavinga dirigiram-se para Menongue, capital do Cuando-Cubango.

A mesma fonte disse ainda que o segundo comandante da Região Militar do Sul, que compreende as províncias de Huila, Cuando Cubango, Namibe e Cunene, o brigadeiro "Chipa", ex-FALA, foi detido pelas forças da UNITA em Quilengues, quando viajava do Lobito.

Violência "normal"

O controlo de Huambo, transformado na aposta mais forte dos beligerantes, parecia

ontem continuar em dúvida, que o que se passou em Luanda com os combates a prosseguir nos dias 30 e 31 de Outubro e 1 de Novembro de 1992 não é só inaceitável como terá a sua resposta".

UNITA continuaram a reivindicar grandes ganhos.

Até a linguagem guerreira se banalizou, assumindo quase um carácter rotineiro, de "business as usual" como diria um enviado britânico.

"Os combates para a libertação da cidade do Huambo atingiram hoje, 17 de Janeiro de 1993, uma violência além do normal. As Forças Armadas da UNITA iniciaram o combate cedo, às 5h00 da manhã, sobretudo para abreviar o sofrimento do povo" começa um comunicado ontem distribuído...

A nota, datada de Huambo e assinada pelo general Arlindo Chenda "Ben Ben", afirma que os confrontos causaram mais de 500 mortos em ambos os lados e que "depois de dez horas de combates as forças do MPLA ficaram reduzidas a um reduto impossível de salvar".

"Ben Ben" garante que a UNITA não se recusa a negociar mas que "não o fará com a navalha na garganta". Acrescenta que a organização vai provar que tem capacidade de defesa e sugere que espere "pelos desenvolvimentos dos combates em todos os teatros, para o MPLA e os seus aliados compreenderem dos de paz."

Cruz Vermelha "horrorizada"

Horrorizada com os seis dias de violência que abalaram Huambo, a responsável do Comité Internacional da Cruz Vermelha (CICV) nesta cidade, Isabelle Buttica, uma cidadã suíça de 32 anos, adoeceu e nem mesmo ela pôde ser assistida durante esse período.

Abrigada na cave da sua casa, conforme contou a Lawrence Bartlett, da agência France Presse, nunca conseguiu sair, tão violentos eram os recontros nas ruas. "Quando os combates eram muito fortes era impossível trabalhar. Tínhamos simplesmente de nos esconder e produzir", disse Isabelle Buttica, entretanto evacuada, por estada, com os últimos funcionários da ONU.

Os observadores internacionais (Portugal, Estados Unidos e Rússia) lamentaram ontem "profundamente" a decisão da UNITA em suspender a sua participação no encontro entre as chefias militares, para o MPLA e os seus signatários dos acordos de paz. ■

Por entre ameaças aos poços de petróleo no Soyo

PÚBLICO

SÁBADO, 23 JANEIRO 1993

Propostas do Governo aproximam-se da UNITA

O GOVERNO do presidente José Eduardo dos Santos apresentou às Nações Unidas uma proposta para negociações de paz imediatas cujos termos vão ao encontro das condições prévias colocadas a semana passada pela UNITA para se deslocar a Adis Abeba. Enquanto isto, a rádio Vorgan, a emitir da Jamba, ameaçava bombardear as plataformas petrolíferas do Soyo, e Butros-Ghali propunha ao Conselho de Segurança que a ONU retire por completo de Angola se um cessar-fogo não for acordado até finais de Abril.

Os cinco pontos da proposta governamental abarcam questões políticas, como pretendia a UNITA, pois exigem a aceitação, por Savim-

bi, dos resultados eleitorais e da validade dos acordos de Bicesse, o reforço da presença da ONU, e a livre circulação de pessoas e bens, mas não fazem referência explícita à extensão da administração do estado à totalidade do país.

Cavaco glacial

A proposta é também omissa quanto à realização urgente de uma cimeira entre Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi, como pediu em Lisboa o presidente Mário Soares. A proposta, divulgada na edição do PÚBLICO de quinta-feira, 20, suscitou reacções de "inteiro apoio" à

direcção da UNITA, e foi subscrita pelos chefes da diplomacia da África do Sul, "Pik" Botha, e do Brasil, Fernando Henriques Cardoso. Em Lisboa, o primeiro ministro Cavaco Silva tornou público também o seu acordo, sublinhando, contudo, que o seu Governo "fez apelos do mesmo tipo já há muito tempo". E acrescentou, glacial: "Congratulamo-nos com todos os apelos venham eles donde vierem, para se conseguir a paz, porque reforçam aquilo que fizemos no passado".

A pesar de Governo e UNITA admitirem como muito provável um encontro nas próximas horas, ou dias, em Adis Abeba, sinais de novos confrontos surgiam em Lue-

na (ex-Luso), capital do Moçico; no Caxito, a meia centena de quilómetros de Luanda, onde as autoridades governamentais alegam registar-se uma grande concentração de efectivos da UNITA; e no Soyo, cujas plataformas petrolíferas seriam bombardeadas se os militares governamentais delas não se retirassem, segundo advertiu a rádio Vorgan, porta-voz do partido de Jonas Savimbi.

Trabalhadores portugueses em Cabinda começaram ontem de manhã a chegar a Luanda, ao mesmo tempo que a rádio governamental dizia estar em preparação um ataque ao enclave por tropas zaienses e mercenários brancos. ■

Fernando Sousa
com António Matos, em Luanda

Reivindicada por Jonas Savimbi aos microfones dos serviços portugueses da BBC, a tomada do Soyo foi reconhecida pelo Governo que silenciara a questão durante todo o dia de terça-feira, embora não tenha ficado clara a forma como ocorreu o revés militar.

Uma fonte próxima do Governo admitira ao PÚBLICO, em Luanda, que uma "zanga" entre comandantes da polícia e das forças regulares estivera na origem da derrota. Fontes militares citadas pela AFP explicaram que as tropas defensoras perderam o contacto com os comandos na capital, daí terem retirado da cidade. Uma ruptura na cadeia de comando teria sido fatal segundo outras fontes na capital angolana. Os soldados teriam baixado os braços e deixado andar...

O ministro do Interior e comandante-geral da polícia, André Pitra "Petrof", regressado de Portugal e Espanha, admitiu em Luanda, em conferência de Imprensa, a queda da cidade, mas acrescentou não estar em condições de se pronunciar sobre desentendimentos entre as Forças Armadas e a Polícia, ou sequer para falar da aparente facilidade com que a UNITA conquistou o Soyo. Motivo: desde a uma hora da madrugada que não tinha contactos com a cidade.

Combates decorriam ontem à tarde perto do Soyo, embora em intensidade menor que na terça-feira, segundo fontes militares. Alguns soldados governamentais estariam cercados por forças da UNITA na região oriental da cidade petrolífera, e as companhias petrolíferas continuaram a evacuar todo o seu pessoal.

Os atacantes ocuparam ao nascer do dia primeiro o acampamento dos trabalhadores das companhias petrolíferas, a 20 quilómetros. "Foi uma acção muito bem feita", disse ao PÚBLICO um trabalhador português chegada a Luanda. A facilidade com que o Governo deixou cair uma das suas melhores fontes de divisas é a pergunta que agora circula insistentemente em Luanda.

A concentração de forças

da UNITA em Chimbuando, a 30 quilómetros a Leste da cidade de Cabinda, informação veiculada por fontes militares em Luanda, pode indicar o alastramento do conflito ao enclave. Os comités-piloto da UNITA deixaram a cidade na sexta-feira e seguiram para a mata. O Governador da província, Augusto da Silva Tomás, disse à Lusa que a tensão aumentou perigosamente.

A sombra de Bob Denard

Fontes independentistas contactadas pelo PÚBLICO disseram que um grupo de mercenários liderados pelo célebre Bob Denard enquadra os homens de Jonas Savimbi. Denard foi sinónimo nos anos 60 de acções mercenárias no Terceiro Mundo — Iémen, Biafra, Zaire, Benim, e mais recentemente, nas Comores.

A operação constituiria "um trunfo" bem guardado pela UNITA caso o seu dirigente perdesse as eleições e a situação militar piorasse, garantem. As mesmas fontes duvidam que os rebeldes tenham capacidade militar para ocupar o enclave, embora encarem a possibilidade de uma acção de comandos contra as instalações do Malongo, coração petrolífero da Cabinda-Gulf. O acantonamento dos homens de Savimbi em Chimbuando fora denunciada há meses junto de países ocidentais por sectores ligados à FLEC.

A concentração de tropas regulares zaienses junto à fronteira setentrional de Cabinda, denunciada por fontes militares, contribui para aumentar a expectativa da internacionalização do conflito, cenário que as agências referem com frequência nos últimos dias. Um conselheiro da embaixada do Zaire em Luanda, convocado terça-feira de manhã ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, negou o apoio do seu Governo à UNITA mas aceitou que "alguns meios" zaienses alinhem com ela. A possibilidade de utilização do território zairense resulta de uma leitura, mesmo rápida, do mapa da região...

Ao fazer terça-feira manchete de uma "invasão mercenária" e ao retomar, ontem, o assunto, até em editorial, o "Jornal de Angola" parece querer criar um am-

biente que legitime a entrada de um exército de um país amigo ao lado das forças governamentais, comentam meios diplomáticos em Angola. Mas ficou por saber que exército, quando o Governo já disse não aceitar a entrada de "capacetes azuis" e que as suas forças são "suficientes" para enfrentar a situação, declaração feita há 15 dias...

Interrogado sobre um pedido de auxílio a um exército amigo, André Pitra "Petrof", que afirmou a existência de militares zaienses e sul-africanos combatendo ao lado da UNITA, respondeu que "os acordos de Bicesse ainda não estão esgotados", acrescentando que "a paciência também pode esgotar-se".

O eventual apoio do Zaire a uma ofensiva da UNITA em Cabinda seria uma "grande aventura", disse o ministro do Interior e comandante das forças de segurança, sublinhando que "a polícia, as Forças Armadas e população seriam suficientes" para a conter.

Como a Imprensa oficial não fala de Huambo o PÚBLICO pediu a "Petrof" que concretizasse a situação na cidade. "Está num empate", respondeu, comparando o quadro com os resultados do desafio de domingo passado entre o Benfica e o Porto...

Jonas Savimbi vestiu a farda

Mas para o dirigente da UNITA, que assumiu entretanto o "comando das operações", os acontecimentos estão muito longe de constituir um simples encontro de seleções de duas Angolas.

Entrevistado terça-feira pelos serviços portugueses da BBC, Jonas Savimbi acusou o Presidente José Eduardo dos Santos de "estar a facilitar a posição mais radical" dentro da sua organização. "Ontem, segunda-feira, vesti novamente o meu uniforme de general", disse, acrescentando que até então trajara "à civil".

"A minha posição sempre foi: não passemos para a guerra, as consequências são graves", disse Savimbi. "Eu

é que estou a travar o partido, a travar as forças armadas para não se meterem outra vez na guerra."

Foi o discurso presidencial do dia 15, em que Eduardo dos Santos o acusou de estar a fazer a guerra para evitar uma derrota na segunda volta das eleições presidenciais, que levou o líder da UNITA a mudar de roupa. "Pensei que, afinal, estava a perder dos dois lados." Explicou, irónico: "Aqui na mata, acusavam-me de estar hesitante, de estar muito abalado com o resultado das eleições; do outro, afinal, o militarista sou eu." ■

PÚBLICO

QUINTA-FEIRA, 21 JANEIRO 1993

Investidores preocupados

O SOYO significa 40 por cento do petróleo angolano. Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística angolano, relativos a 1991, é responsável por 300 mil barris por dia. Cabinda fornece o resto, 450 mil barris por dia, 60 por cento da produção do país. Soma dos recursos: 3,5 mil milhões de dólares (mais de 500 milhões de contos), 91,5 por cento do produto interno bruto (PIB).

Empresários estrangeiros em Luanda confidenciaram ao PÚBLICO o seu receio sobre a segurança dos investimentos no país depois da queda do Soyo. Em Portugal, um porta-voz da Soares da Costa, empresa ligada ao fornecimento de infra-estruturas a algumas companhias estrangeiras prospectoras na província do Zaire, disse estar "naturalmente preocupado, embora ainda seja cedo para fazer conjecturas sobre acontecimentos que decorrem". Fontes próximas da empresa admitem que a Soares da Costa poderia sofrer "prejuízos superiores a 100 mil contos" se fosse obrigada a recuar.

O próximo objectivo da UNITA parece ser agora Lu-

capa (província da Lunda Norte), a única zona que ainda escapa ao controlo das forças de Jonas Savimbi e onde se registaram confrontos com soldados governamentais. A região dos diamantes está quase toda controlada pelas tropas rebeldes.

Só a área onde labora a Sociedade Mineira do Lucapa, empresa mista luso-angolana, que cobre 30 mil quilómetros quadrados e tem no local 150

trabalhadores portugueses, permanecia ontem nas mãos do Governo. No Consulado Geral de Portugal, o PÚBLICO soube que o nosso representante está a acompanhar esta situação "com o máximo de precauções".

As exportações de diamantes caíram de 234 milhões de dólares (cerca de 34 milhões de contos), em 1989, para 178 milhões (menos de 26 milhões de contos), em 1991, em parte devido ao contrabando que desfalcou fortemente as minas, no ano passado. A instabilidade político-militar também ajudou. ■

Fernando Sousa
com António Matos, em Luanda

Cinco mil mortos no Huambo

Tensão em Cabinda e festa em Luanda

Fernando Sousa
e António Matos
em Luanda

Todos os estrangeiros detidos pela UNITA na sequência do ataque ao Soyo "estão de boa saúde" e poderão ser entregues aos respectivos governos logo que as condições de segurança melhorem, afirmou ontem o representante de Jonas Savimbi em Paris, Marcelino Sanguende. Os cativos — 14 portugueses, um italiano, um argentino e um britânico — não são considerados prisioneiros e poderão ser entregues "nos próximos dias", disse.

Também o cônsul de Portugal em Angola, José Lameiras, garantiu ao PÚBLICO que os cidadãos nacionais se encontram bem e que estão em curso esforços para a sua rápida libertação. Círculos diplomáticos em Luanda admitem que os portugueses sejam entregues na embaixada de Portugal de um país da região.

Entretanto, a situação em Cabinda foi caracterizada pelo governador do enclave, contactado pela agência Lusa, como de "calma tensa". Um comandante independentista declarou à TSF que tropas zairenses estariam a dar apoio à UNITA na zona de Chela. Em Lisboa, o embaixador de Angola, Rui Mingas, disse ter provas do apoio de grupos extremistas zairenses e sul-africanos aos rebeldes.

Luís de Jesus, director-geral adjunto da Cabinda Gulf, disse ao PÚBLICO, na capital angolana, que a empresa está a suspender alguns serviços e a reduzir outros que não são essenciais, de forma a manter o menor número possível de trabalhadores na plataforma do Malongo. Cem portugueses trabalham na capital da província.

Joaquim David, presidente da companhia estatal Sonangol, por seu lado, disse, ontem, ao "Jornal de Angola" que o terminal petrolífero de Kifunquena, no Soyo, está paralisado. Escoava 90 mil barris por dia, o equivalente a 200 mil contos. Também a Texaco e a Fina mantêm suspensas as produções, respectivamente de 64 mil e 27 mil barris diários. Só a Elf tinha o "crude" a escorrer nas plataformas marítimas, cerca de 160 mil barris, mas a companhia estuda a hipótese de prospecções terrestres e centros de armazenagem no Congo.

Alguns poços de petróleo, anunciou a rádio da UNITA, ainda estão a arder, 48 horas depois do ataque, mas Luanda não dramatiza a situação energética. Garante que tem "fuel" que chegue, em armazém. "O país não consome mais de dez por cento da produção petrolífera", diz Joaquim David. A extracção, refira-se, representa 90

por cento das exportações angolanas.

O presidente da Sonangol afirmou também que "nem a Sonangol nem Angola suportarão quaisquer perdas das companhias estrangeiras". Explicação adiantada: a "actividade petrolífera é um investimento de risco e as perdas resultantes de acções militares não estão cobertas pelas companhias seguradoras".

A facilidade com que o Soyo caiu nas mãos de Savimbi redundou "num duro golpe para o

moral governamental", reconheceu uma fonte militar em Luanda, acrescentando que os combates no Huambo, a segunda cidade do país, continuam "extremamente violentos" e a causar um elevado número de vítimas. Cinco mil pessoas teriam morrido já no Huambo, toda ela destruída.

Peritos comentam que a UNITA mantém as mãos bem levantadas na cidade, apesar dos fortes bombardeamentos da aviação e da artilharia governamentais nas últimas semanas. Uma fonte do Governo prometeu que as Forças Armadas "usarão todo o seu potencial para defender a população".

As forças de Savimbi que ocupam o Bairro de São João estão a ser bombardeadas por aviões tipo Sukoi, mas, por sua vez, a flagelar com artilharia a zona onde se encontra o Palácio do Governo e as instalações da Televisão Popular de Angola. Fontes militares disseram que reforços governamentais conseguiram furar o cerco e que a UNITA teria sofrido, quarta-feira, pelo menos um milhar de baixas.

Festa rija na Mutamba

Mas ontem, em Luanda, onde a água chega de dois em dois dias, começaram as festas da cidade, com muito desporto, música e concursos de misses, à noite, na Mutamba. O centro das festividades foi um festival de música angolana no Largo da Mutamba, com artistas angolanos, Nelo Bastos, Ruca Van Dunen e os Jovens do Prenda, um misto de música kizomba zairense e rock ocidental...

A Rádio Nacional de Angola avançou entretanto uma tese curiosa. A UNITA estaria a infiltrar agentes na capital com o objectivo de aqui lançar uma grande ofensiva. Um indivíduo fugido da província da Lunda Sul, alegadamente por ser amigo de um capitão da UNITA, explicou aos microfones da emis-

MAPPA reaparece

PÚBLICO

QUINTA-FEIRA, 21 JANEIRO 1993

O TERROR e o horror angolano "em proporções nunca antes vistos, nem mesmo durante a guerra colonial", com todo um cortejo de "prisões em massa, execuções sumárias de pessoas indefesas, torturas, perseguições étnicas, violações, saques e todo o tipo de arbitrariedades", foram ontem denunciados em Lisboa pelo Movimento para a Paz e o Pluralismo em Angola (MAPPA).

Fundado em 1987, mas algo adormecido nos últimos meses, "para não atrapalhar o cumprimento dos acordos de Bicesse", o MAPPA ressurgiu para lançar apelos ao MPLA e à UNITA, Governo e Presidência portugueses, secretário-geral da ONU, Presidentes dos Estados Unidos, da Federação da Rússia e da África do Sul, para a necessidade de estancar a hemorragia angolana. Em conferência de imprensa, durante a qual citou abundantemente a Mensagem Pastoral dos bispos angolanos, de Novembro do ano passado, onde se previa a perda do controlo do conflito, Jorge Hurst, médico e quadro do MAPPA, desabafou: "É esta a Angola de 20 de Janeiro de 1993, que tristeza!"

Foi a Francisco Viana, mentor do I Congresso dos Quadros Angolanos no Exterior, realizado no ano passado, em Lisboa, que coube anunciar, em nove pontos, o contributo do movimento para acabar com a sangria do país: um código de convivência nacional, o desarma-

mento dos beligerantes, a formação de um exército único e de um governo de salvação nacional, a despartidarização dos órgãos de comunicação social e da polícia, o desarmamento dos civis, uma formação cívica despartidarizada e a revisão adequada da Constituição. Tudo para evitar a "somalização" de Angola.

Confrontado pelo PÚBLICO com algumas omissões no texto de apresentação — ausência de uma posição clara sobre os resultados das eleições de Setembro e a reacção de Savimbi, o papel da África do Sul e o "regresso ao espírito de Bicesse", algo que defende simultaneamente ao "reinicio das negociações" —, Francisco Viana explicou que "o MAPPA não tem necessidade de negar o que as Nações Unidas reconheceram como válido", que Pretória sabe que só o fim dos combates e o diálogo podem salvar a situação e que "o espírito de Bicesse é uma coisa e os acordos são outra".

Sobre os acordos de 1991, o dirigente do MAPPA tentou ser claro: "Podem ser melhorados, pois muita coisa mudou desde então."

No fim, agradeceu a presença dos jornalistas, mas voltou ao texto, repisando a necessidade de uma comunicação social angolana não instrumentalizada. Quando fazia esta declaração, os olhos de Francisco Viana viraram-se para o representante da agência noticiosa angolana, Angop. ■ F.S.

hora a forma rocambolesca como o ataque seria realizado. Diz que os indivíduos que aparecem como arrependidos e se entregam às autoridades seriam os agentes.

O ministro do Interior afirmou ao PÚBLICO recear uma onda de "terrorismo selectivo em Luanda", explicando que os serviços de informação da UNITA (Brinde) não foram completamente desarticulados. "Podemos contar com isso, apesar dos esforços que estou a fazer para o evitar", acrescentou André Pitra "Petroff", que também é o comandante da polícia angolana.

Lista dos portugueses cativos

Os serviços de protecção consular divulgaram ontem, em Lisboa, a identidade dos 14 portugueses detidos pela UNITA ao campo da Fina Petróleos, a 20 quilómetros do Soyo, na sequência do ataque dos rebeldes à cidade petrolífera.

Segundo a lista, veiculada pela agência Lusa, os portugueses, que o representante da organização de Savimbi em França disse ontem que serão brevemente restituídos ao seu país, são José Luís Ferraz, Armando Cerejo, Fernando Jorge Machado das Neves, Manuel Maria, António Marques da Silva, Manuel Conduto da Mota Pais, Manuel Serra, Mário Felgueiras Ferreira, Vitor Matias, Raul Quintas, Raul Santos, António Valério, Joaquim Neves e António Felix Ribeiro Pires.

EXPRESSO, Sábado, 23 de Janeiro de 1993

ONU polémica

O MAJOR X, oficial destacado para integrar a missão das Nações Unidas em Angola (UNAVEM II), já só quer sair do país. Colocado no Cústo durante alguns meses, viu a UNITA entrar nas instalações da ONU, que «deviam ser santuários». E, recentemente, no Lubango, forças do Governo mataram, em retaliação, um homem da UNITA dentro do aquartelamento da UNAVEM.

O major X, como todos os outros oficiais da UNAVEM e os militares ligados à Comissão Mista de Verificação do Cessar-Fogo (CMVF), sabem de há muito que se fez batota nas entregas de material e na contagem dos homens. «Foram feitas pelos dois lados, mas especialmente pela UNITA», esclarece um oficial superior, sugerindo que a UNAVEM tinha perfeito conhecimento do que se passava. «Não era com as armas que eram entregues, a maior parte obsoletas, nem com o número de munições depositado, que era possível fazer uma guerra. Só quem não queria é que não via que muita coisa estava a ser ocultada.» Em Nova Iorque, um porta-voz da ONU disse ao EXPRESSO que os efectivos eram «insuficientes» para uma cabal verificação, confirmando a existência de material obsoleto mas negando que a UNAVEM se estivesse a alhear do processo.

Para alguns intelectuais angolanos, a operação da UNAVEM é cara, e quanto mais depressa Angola se vir livre dela, melhor, a menos que consiga um papel mais importante. Os diplomatas não comentam estas acusações, de que comungam vários sectores políticos em Luanda.

Na Comissão de Conjunta Político-Militar (CCPM), a UNAVEM tem um papel de convidado e cabe-lhe zelar pela apresentação de material e homens no âmbito da desmobilização. Nos primeiros tempos era produzido diariamente um boletim informativo, baseado nos relatos dos seus representantes espalhados por todo o país, e que servia para que a ONU tivesse uma noção global do que se ia passando, segundo um dos observadores. O boletim foi suspenso depois da chegada da sr^a Anstee.

As tentativas da sr^a Anstee, representante do secretário-geral da ONU em Angola, bem como algumas iniciativas do próprio Butros Ghali, procuram atribuir às Nações Unidas um novo papel — o de mediador. Mas uma nova mediação implica que os Acordos de Bicesse deixaram de fazer sentido e admitir que Angola está de novo em guerra. Uma coisa que ambos os lados têm evitado fazer, ao afirmarem repetidamente o seu desejo de regressar ao espírito de Bicesse.

A diplomacia portuguesa vê, entretanto, com algum cepticismo as propostas de encontros em Genebra avançadas pela ONU. «É uma forma de a ONU se meter no processo, mas é também criar na UNITA o sentimento ilusório de que tem saída fora do quadro de Bicesse», diz uma fonte ligada ao processo de paz.

A representante do secretário-geral criou equívocos que em nada ajudam o processo. Além da suspensão do referido boletim, registou-se também o caso do anúncio da reunião de Addis Abeba, no fim-de-semana passado. Um responsável da CCPM disse ao EXPRESSO que o encontro «nunca esteve garantido. O Governo disse que aceitava enviar uma delegação militar, mas Jorge Valentim, da UNITA, disse apenas que o seu movimento não rejeitava o encontro». O anúncio feito por Margaret Anstee foi, assim, prematuro.

A guerra não declarada

BENJAMIM FORMIGO em Luanda

EXPRESSO, Sábado, 23 de Janeiro de 1993

A BATALHA de Luanda acabara ainda não havia 24 horas quando o Xico (nome falso), de 15 anos, encontrou o tio. «Olha tio, matei três (homens da UNITA)!» A surpresa do tio, um militar que na véspera advertira o Xico para que não saísse de casa, não podia ter sido maior. O Xico afirmou-lhe não ter medo, que «não havia problemas», garantindo-lhe mesmo que ele até era «amigo dos soldados da UNITA que param por aqui».

Ao fim de 16 anos de guerra, as amizades recentes com o outro lado valem muito pouco, como pouco é o valor da vida. Hoje Luanda é uma cidade calma, mais descontraída, mas triste. A música parece ausente da cidade. Correm rumores sobre «carros-fantasmas», uma suposta acção que a UNITA ainda poderia levar a cabo: atentados selectivos, executados por equipas móveis com armas equipadas com silenciadores. Nada existe que consubstancie este «mujimbo», mas ele chega para que as pessoas se auto-impunham o recolher obrigatório. E por causa do boato, altos funcionários receberam instruções para irem para casa mais cedo.

«OS COMBATES que se têm verificado um pouco por todo o país não são ainda uma guerra sem quartel», comenta um funcionário diplomático europeu, sem esconder que «podemos estar muito próximos dela». Em muitos casos, os combates foram violentos. E o Huambo, a segunda cidade e praça-forte da UNITA, continua sob fogo. Na antiga cidade de Nova Lisboa concentrou-se o maior esforço de guerra dos dois lados. A meio da semana passada, com o Huambo dividido entre UNITA — que ocupava o aeroporto — e Governo, representantes da UNAVEM negociavam com as partes, e em especial com a UNITA, a retirada dos seus observadores, um dos quais ferido nos tiroteios. Um esforço que só esta semana seria bem sucedido.

Os acontecimentos ultrapassaram os políticos. Fontes próximas do Futungo (Presidência da República) garantiram-nos que «havia relutância em desencadear esta ofensiva imediatamente, as FAA ainda não estavam totalmente preparadas».

Tudo teve início no Lubango com um incidente entre UNITA e Polícia, uma situação confusa que ninguém ainda consegue deslindar. «O Governo está decidido a repor a sua autoridade sobre todo o território», deixou então bem claro o primeiro-ministro Marcolino Moko. E de novo os populares pegaram em armas. Ao fim de algumas horas de combate estava tudo acabado. Na retirada, a UNITA dinamitou os edifícios que pôde.

Depois, o rastilho acendeu-se no Namibe, e de novo as informações sobre o início dos incidentes são confusas e contraditórias. Só se sabe que hoje não há comités-pilotos da UNITA no Namibe, como não os há no Lubango, em Benguela e no Lobito, onde há notícias de estar a chegar importante material de guerra para as FAA. A dinâmica de guerra substituiu a contenção.

Com a UNITA fora das cidades começam a chegar refugiados que se queixam da caça ao homem — que os dois lados praticaram durante os confrontos — instalada nas aldeias. «Procuram (a UNITA) os sobas e os que votaram no MPLA», exclama um desses fugitivos.

DURANTE meses o Governo apostou na contenção, procurando conquistar as simpatias internacionais e ganhar tempo para reorganizar as suas forças. A UNITA tomou por fraqueza a contemporização governamental, enquanto os militares das FAA faziam os seus cálculos assumindo a UNITA como uma força maior do que na realidade parece ser.

Resolvidas as situações no Lubango, Namibe, Benguela e Lobito, foi a vez do Cústo, província do Bié — de onde é originária grande parte dos dirigentes da UNITA.

No Leste, a UNITA foi expulsa das Lundas, e o ataque contra a cidade de Luena não teve sucesso. No Cunene — terra dos cuanhama —, os ataques contra a destróçada cidade de Onjiva foram repelidos. Finalmente, foi a altura de avançar na capital do Planalto Central. Os assassinatos de várias pessoas nas últimas semanas haviam feito subir a tensão ao rubro.

Mas o Huambo é um símbolo para os dois lados. Para a

SOS África!

AO INAUGURAR-SE a década de 90, houve quem voltasse a acreditar em África. O estrondo dos muros a cair na Europa do Leste ecoou através do continente africano, despertando consciências e assustando os poderes. De Cabo Verde a São Tomé, passando pelos Camarões, Nigéria, República Centro-Africana, Quênia, Angola ou Guiné-Bissau, criou-se uma corrente de optimismo. A multiplicação de partidos políticos nestes países foi apenas um dos sintomas da regeneração da sociedade civil, destruída por décadas de totalitarismo e má gestão. O ano passado, porém, toda esta dinâmica de pacificação e democratização foi seriamente posta em causa.

O Relatório Anual sobre Direitos Humanos, recentemente divulgado pelo Departamento de Estado dos EUA, não deixa margem para dúvidas: contesta a justeza das eleições nos Camarões e no Quênia, relata a anulação do primeiro acto eleitoral realizado na República Centro-Africana e analisa o início da guerra civil em Angola. Detém-se com particular demora no caso sul-africano, para referir que, embora a Convenção para uma África do Sul Democrática, Codesa, "tenha encaminhado o país para um novo rumo político", persistem ainda "em alto grau, os crimes e a violência política", cuja responsabilidade atribui a todas as partes envolvidas no processo: governo, ANC e Inkhata. "Ainda que o Governo tenha desmantelado os principais pilares do 'apartheid'", afirma-se no relatório, "a maioria dos sul-africanos permanece privada do direito ao voto. Os sul-africanos não brancos (87 por cento da população) continuam a ser vítimas de discriminação de facto e de um estado de subdesenvolvimento causado por gerações de desigualdades sociais, económicas e legais."

Não fosse a imensa tragédia de Angola, um país em estado terminal, e a África lusófona apareceria como o único bloco de sobreviventes neste cenário de sombras. Cabo-verdianos e são-tomenses estão a viver a sua democracia com bem menos percalços do que os portugueses nos anos imediatos à Revolução de Abril, enquanto, na Guiné-Bissau, Governo e oposição trocam ideias sobre as primeiras eleições livres a realizar no território. Em Moçambique ainda nada é certo, mas, pelo menos, parece ter-se conseguido abrandar o ritmo de autodestruição em que o país inteiro mergulhou após a independência.

"O que fez descarrilar o processo de democratização do continente?" Esta é uma questão que aflige todos os intelectuais africanos envolvidos na luta pela democracia, entre os quais se contam nomes como Wole Soyinka ou Nadine Gordimer, ambos Prémio Nobel da literatura. O presidente Mário Soares, no emocionado apelo à paz divulgado pelo PÚBLICO na quinta-feira passada, denuncia abertamente algumas das situações que explicam o drama de Angola. Uma delas, escreveu, "foi a conversão apressada, em grande parte meramente estética", de muitos dirigentes angolanos. E acrescentou: "Não foram poucos os autocratas inveterados, de ambos os lados, senhores absolutos da vida e da morte dos seus compatriotas, formados no hábito do poder sem partilha, que não admite réplica, que se proclamaram subitamente democratas e se puseram de acordo (aparente!) quanto a um processo de eleições."

Acreditava Durão Barroso que era possível pacificar e democratizar Angola negociando apenas com a UNITA e o MPLA? Acreditaria que era possível fazer o 25 de Abril sentando à mesma mesa António de Oliveira Salazar e Álvaro Cunhal?!

Esta curiosa situação — uma ditadura a ser desmontada pelos próprios ditadores — repetiu-se noutros países de África, nomeadamente no Quênia, e terá sido o principal motivo de falhanço dos respectivos processos democráticos. Em Angola, a existência de dois poderes totalitários, que, durante anos, reprimiram violentamente qualquer manifestação de pensamento diferente do seu (para não dizer apenas qualquer manifestação de pensamento!), aconselhava particular atenção. Mesmo antes dos primeiros encontros em Portugal entre a UNITA e o MPLA, várias vezes se fizeram ouvir, alertando para a necessidade de enquadrar todas as sensibilidades políticas, igrejas e grupos cívicos nas negociações.

Lembrar isto agora só é relevante porque, para quem ainda acredita que é possível salvar Angola — ou África, de uma forma geral —, todas soluções passam por aqui. ■

UNITA, o símbolo da resistência, de onde não quer ser expulsa pela segunda vez, como o foi em 1975 — razão de sobra para que o Governo aposte ali os seus principais meios. As Forças Armadas Angolanas já se encontram em combate. A UNITA fez avançar a artilharia que tinha escondida na Chicala. A aviação também entrou em acção. Guerra dura, sem sinais de desfecho, com a Polícia e as FAA na cidade e a UNITA a dominar os arredores.

Malanje mantém-se isolada, e a «mafia» dos diamantes começou já a agitar-se, havendo notícias de incidentes. As forças governamentais ignoraram, num primeiro momento, os ataques e continuaram o seu esforço no Planalto Central.

Nos arredores de Luanda o impasse mantém-se no Caxito e Ndalatando. Uíge e Negage continuam sob a influência do Galo Negro. Os MiG sobrevoam estas três últimas localidades, mas as missões, segundo as informações que chegam à UNAVEM, são sobretudo de reconhecimento.

Para aliviar a pressão no Huambo, a UNITA contra-atacou, reocupando Mbanza Congo — ex-Zaire — no Norte, que usou como base para desencadear um ataque em força contra o Soio, onde se encontram importantes instalações petrolíferas. Empenhadas em demonstrar a Savimbi que o Huambo não é um santuário inexpugnável, as FAA não tiveram capacidade de reagir, e a UNITA pôde assim atingir importantes interesses angolanos e estrangeiros, o que a coloca de novo sob forte pressão internacional.

GUERRA generalizada e sem quartel? Analistas diplomáticos e fontes ligadas ao Poder falavam ainda, a meio da semana passada, de fragilização da UNITA, desmistificação do poder do movimento e demonstração de que a guerra não é solução. Cumprir os acordos de Bicesse, dizem oficialmente, é a única saída. «A UNITA tem de perceber que não tem saída militar. O movimento tem um papel político importante a desempenhar como oposição», diz um general dissidente em Luanda. E as dissidências sucedem-se, com a apresentação do general Nunda, o chefe da Frente Sul da UNITA, um operacional de elevada reputação (ver entrevista no caderno internacional).

Agir militarmente para dividir a UNITA ou levá-la a denunciar os acordos de Bicesse — tal é a estratégia governamental. «Não se pode estar com o espírito e a letra de Bicesse na mata», insiste um dos assessores de José Eduardo dos Santos. O Governo também deixou claro que o malgrado encontro de Adis Abeba não serviria para uma trégua que permitisse «a UNITA reorganizar-se». Daí que o delegado governamental indicado fosse o seu representante na Comissão Conjunta Político-Militar (CCPM), general Higinio Carneiro, e não o CEMGFA, o general João de Matos. «A ausência do Matos foi um sinal de que a ofensiva não iria parar», comenta um militar da Comissão Mista de Verificação do Cessar-Fogo (CMVF).

Se a UNITA quiser voltar à cena política, «tem de se dirigir para os locais de acantonamento e aceitar entregar as armas. A sua segurança será garantida pelo próprio Estado», assegura uma fonte governamental. A pergunta a que ninguém responde é se Savimbi tem ainda algum papel a desempenhar e qual.

Os generais e políticos que em Luanda se encontram na dúbia situação de «custódia» — à excepção de Fátima Roque, que se tem recusado a colaborar de qualquer forma que pudesse ser usada contra o seu movimento — manifestaram-se na semana passada contra a «ala militarista» da UNITA, mas não se demarcaram em relação ao movimento ou a Jonas Savimbi. Posição bem diferente é a do general Nunda. Até há pouco tempo comandante da Frente Sul, Nunda fugiu na semana passada para Luanda, afirmando que «a UNITA está empenhada numa solução militar». Este militar acha «que a guerra não é a melhor forma de resolver o problema de Angola. A UNITA, como força política, é muito mais importante do que como força militar», garante. E, de novo, a grande interrogação é o papel futuro de Jonas Savimbi. Para Nunda, «um esforço conjunto dos militantes da UNITA e do próprio Governo e da comunidade internacional poderá fazer recuar Savimbi e levá-lo ao diálogo. Ele também já viu que a UNITA se vai enfraquecendo militarmente dia a dia». ■

PÚBLICO

DOMINGO, 24 JANEIRO 1993

UNITA TOMA ZENZA-ITOMBE — A UNITA tomou ontem a localidade de Zenza-Itombe, a 200 quilómetros de Luanda, na província de Kuanza Norte, anunciou a rádio oficial de Angola. A capital de Kuanza Norte, Ndalatando, estava já sob controlo da UNITA.

6 Dundo, Angola

PÚBLICO

RETRATO DE J. J. J. J.



Diana Andringa

Nunca me lembro de ter visto Lisboa assim.

Ou antes, talvez. Uma vez. Estávamos em Espanha, num almoço tardio, e a televisão espanhola anunciou "o Chiado está a arder". E o Chiado, de repente, era a alegria de descê-lo, há muitos, muitos anos, no fim de um dia de trabalho — algo que não se pode deixar queimar.

Assim com o Dundo, hoje. Claro que na rádio lhe chamaram "Dundo", mas para mim foi logo evidente que era o Dundo, depois da frase a dizer que a UNITA avançava para as Lundas diamantíferas, da referência a Saurimo... Para as outras pessoas era só um nome, não havia grande mal em trocar o "u" pelo "o", mas para mim, de um qualquer modo estranho, era muitas coisas que se calhar já nem existem, a Kapa 7, a Kapa 10, a rua inclinada com barragem muito, muito ao fundo, a palmeira grande, o parque dos cisnes e dos grous, o velho marabu, a biblioteca da Casa do Pessoal com os seus livros do Charlie Chan, a mussunga, e depois pessoas, se calhar já todas elas mortas, de velhice ou de guerra ou de doença, o Cassanguidi, o Caquece, o João, o Chitambala e o Chicangala, o Horloge, o Zengo, e não, definitivamente o Dundo não era algo sobre que a UNITA devesse avançar e destruir.

Há tempos quiseram convencer-me que a pátria era o solo tornado sagrado pelo sangue dos heróis. Talvez. Para mim seria mais algo como isto, aquele sítio que nos faz doer quando é ameaçado — e hoje tive a certeza que, mesmo se saí de lá dias antes de fazer onze anos, o Dundo continua a ser a coisa mais perto disso para mim. O sítio do qual recorde ainda o cheiro do ar, depois das trovoadas.

Não foi por isso com a melhor das disposições que li o apelo do senhor Presidente da República. Dir-me-ão que deveria ser exactamente o contrário, que, se esse apelo fosse escutado, talvez o Dundo, talvez as minhas memórias — entretanto já provavelmente destruídas — pudessem escapar à morte e à destruição. Talvez. Mas o que eu senti ao lê-lo foi que vinha tarde, que o momento exacto para fazê-lo teria sido no dia em que Jonas Savimbi anunciou não aceitar os resultados eleitorais. Talvez, nessa altura, se ele o tivesse ouvido, o apelo tivesse evitado milhares de mortos — de ambos os lados, de todas as etnias. A seguir ao dia do dedo sujo. Ou no dia em que o dirigente da UNITA se declarou pronto a afogar em sangue todas as riquezas de Angola. Hoje, pareceu-me simplesmente tarde de mais. Pareceu-me, além disso, exageradamente igual para as duas partes em confronto, quando, independentemente da brutalidade da resposta, parece não poderem subsistir dúvidas sobre

quem puxou primeiro das armas, esta vez.

Oxalá me engane, oxalá, gentilmente, José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi leiam o apelo de Mário Soares e consigam parar a guerra, por cima do sangue longamente derramado, dos escombros do país. A mim, confesso, e pese embora o respeito pelo Presidente da República Portuguesa, parece-me ligeiramente ingénuo lembrar o perigo de somalização de Angola, quando um dos contentores claramente anunciou que, a ser a isso forçado, seria essa a sua tática...

Parece-me ser essa, aliás, uma interessante característica do conflito angolano, visto de Lisboa. E assim: um dos lados multiplica as declarações de determinação democrática, promove eleições, admite segunda volta, integra os seus homens nas Forças Armadas únicas e, em Lisboa, as pessoas desconfiam. O outro aceita e não aceita as eleições, ameaça com a guerra, retira os seus homens das Forças Armadas únicas e, em Lisboa, as pessoas dizem "coitado, foi empurrado pelos outros, que divulgaram primeiro os resultados que lhes eram favoráveis" — como se não acontecesse, em Portugal, o PS poder estar a ganhar nas primeiras urnas

escrutinadas e depois vermos eleito o professor Cavaco Silva... Ambos prendem portugueses, e as pessoas revoltam-se, muito justamente, dizendo "porque não é Portugal mais duro com o Governo de Luanda?", e esquecendo-se de dizer "e porque é que não é mais duro com a delegação da UNITA?"

Confesso: a minha admiração pelo senhor Savimbi reside nisso mesmo. Eis um homem que diz uma coisa e diz outra, e de quem, internacionalmente, parece só ser ouvido o que diz de bom. Que agita, no interior, os ódios tribais, mas é visto, no exterior, pela elevada civilização do seu professor de Latim e do seu sinaleiro. Terá por certo grandes qualidades para que, sob as suas próprias afirmações de intolerância, sempre se consiga ver nele um combatente pela democracia.

Angola tem isso de extraordinário, que de tão próxima aos nossos corações subverte tudo, até a lógica. Experimentasse qualquer um de nós andar a conspirar contra o governo de Portugal e, sob a ameaça de prisão, invocar outra nacionalidade para a ela se escapar. Que descredito não seria! Aparentemente, no entanto, ninguém estranha que façam o

mesmo vários dirigentes da UNITA.

Talvez seja porque a UNITA avança sobre o Dundo, talvez porque oiço as notícias dos mortos de Benguela e me lembro de um velho escritor negro, a confidenciar-me: "Sabe? Só percebi que era preto no dia em que saí de Benguela pela primeira vez." Talvez seja o cansaço da guerra, a desilusão do povo angolano depois da esperança da paz, mas tanta complacência parece-me já inadmissível.

Ouvi as notícias, li o apelo do Presidente, e lembrei-me dos sonhos sonhados alto, noite fora, sobre o futuro de Angola, uma vez independente. Do Tribunal da Boa Vista (que estranho nome para um tribunal!), o Plenário cheio, as lágrimas nos olhos de todos quando o advogado do Joaquim (Pinto de Andrade) acabou de ler a sua defesa. Quantos sonhos para Angola tínhamos então, mesmo dentro do Plenário.

"É muito mais difícil do que nós imaginávamos", disse-me, anos mais tarde, o Tony Neto, e o que era mais difícil era isso, fazer um país, a partir de uma colónia. Lembro-me de ter falado também disso com o Joaquim, num avião onde nos encontramos por acaso. Ele trazia consigo um peixe-lua, para mostrar aos filhos, e lembro-me como achei estranho encontrá-lo assim, por acaso, num avião, com o peixe-lua na mão, como podem encontrar-se duas pessoas fora da prisão. (Soa grandiloquente, mas foi assim: uma estranha confirmação da liberdade.) E lembro-me também da alegria do Mário, quando, com outros mais velhos, julgou poder inte- junto dos dois contentores, para ajudar o seu país a chegar à paz e a construir a verdadeira independência, que fora o seu sonho tantas décadas mais atrás.

Tinha-me lembrado de tudo isso, evidentemente, dos sonhos dos anos 50/60/70, das dificuldades dos anos 70/80, da frágil esperança do início dos 90, ao ler o livro do Pepetela "A Geração da Utopia" (também o terão criticado por ter usado o termo "geração" quando se referia, sobretudo, a um determinado grupo de angolanos?) — mas também ao ler o artigo dele no PÚBLICO, quando a guerra se seguiu às eleições... Quer os sonhos, quer as dificuldades ("É muito mais difícil do que nós imaginávamos...") são algo de que me lembro agora diariamente, antes das imagens repetidas (também no sentido literal do termo) dos confrontos em Angola.

E julgo que, se tivéssemos tido sempre presentes essas dificuldades, nós que sabemos que também nos foi, e é, difícil ultrapassar o legado de quarenta e oito anos de ditadura, teríamos olhado Angola com outros olhos, e talvez tivéssemos então contribuído para a construção da paz, e para que as mulheres e homens de Angola pudessem ascender, finalmente, à independência plena por que lutaram. ■

“**A** situação no Roque está feia.” Eram nove da manhã. O aviso-apelo ouvia-se pelo rádio do polícia que coordenava a “operação stop” na avenida marginal de Luanda. “É maka com os zairenses.”

O trânsito automóvel em direcção ao mercado Roque Santeiro estava bloqueado. O “Roque” — talvez a maior superfície comercial de África, dominada por zairenses, onde chegam a juntar-se diariamente mais de cem mil pessoas — transformara-se num campo de batalha.

Assim como o bairro envolvente, Sambizanga, o mercado dos Congolezes, no Bairro Terra Nova, o mercado de S. Paulo, já no asfalto da cidade, o Bairro Palanca... Nos musseques de Luanda, ontem foi dia de “caça aos zairenses”.

Todos estão de acordo. Depois da insistência com que a rádio e a televisão e o jornal angolano falaram do apoio do Zaire às tropas da UNITA, não é surpresa que isto tenha acontecido. Nomeadamente depois de na quinta-feira à noite a rádio nacional ter dado ampla divulgação a um alegado plano para assassinar o Presidente da República, que seria executado por mercenários zairenses.

“Isso é tribalismo”

As notícias do envolvimento de tropas de Mobutu nas acções da UNITA cresceram nos últimos dias, com a tomada da cidade petrolífera do Soyo pelas forças de Savimbi. Depois, foi o abandono da cidade de Cabinda em direcção às matas, o que nos faz pensar na iminência de uma ofensiva da UNITA contra as posições petrolíferas no enclave.

“Merecem levar porrada. Então eles oferecem-se como

Um dia de violência nos mercados de Luanda

A “caça ao zairense”

António Matos
em Luanda

voluntários para matar o Zédú [José Eduardo dos Santos]?”, diz um popular no mercado dos Congolezes. “Como é que eu sei isso? Então não ouviu a notícia na rádio?”, reage prontamente. A seu lado, no meio de um numeroso grupo onde todos davam sinais de assentimento, um jovem, impertigado, avança uma tese arriscada: “Isso não é política. É tribalismo. Vocês falam que eles são zairense porquê? Se eu for a Lisboa e ficar lá uns anos, quando voltar vão dizer que sou português? Não. Sou angolano na mesma. Isso é tribalismo. Querem dividir a gente. O ‘apartheid’ é a mesma merda”. Falou em turbilhão. E mandaram-no calar.

A maioria zairense, sobretudo em Luanda, não caiu nas boas graças dos angolanos. Especialistas na “candonga” (o comércio informal), depressa dominaram quase todos os circuitos de abastecimento dos mercados populares da capital. A verdade, porém, é que entre os ditos zairenses — que se admite sejam cerca de 200 mil em Luanda, embora a embaixada do Zaire não forneça nenhuma estimativa — muitos têm nacionalidade angolana. São retornados, depois de se terem refugiado no país vizinho durante os 16 anos da guerra civil.

“Nós não sabemos quem são os zairenses, mas quando eles falam a gente percebe”, diz uma quitandeira do mercado dos Congolezes. Na tentativa de fuga à perseguição de que vêm sendo alvo, denuncia-os o sotaque carregado de “erres”, explica. Mas é impossível distinguir, pelo modo como vestem, os elementos da comunidade zairense dos “caluandas”. Óculos de sol espelhados ou coloridos, jeans largos, botas, muito pchisbeque ao pescoço, camisas escuras ou decoradas com motivos berrantes, cabelo rapado na nuca e sobre as orelhas caracterizam o homem zairense.

Dos incidentes de ontem não há informação sobre vítimas mortais. A polícia, que interveio nos confrontos disparando abundantemente para conseguir controlar a situação, segundo relatos recolhidos em vários locais, diz não ter ainda “dados para divulgar”. A partida, porém, é de prever que muitos tenham ainda de fazer, já que o sentimento anti-zairense em Luanda parece generalizado.

O receio dos portugueses

Na comunidade portuguesa, os incidentes de ontem

não passaram despercebidos. É que recentemente foi noticiada pela rádio nacional de Angola a presença de mercenários portugueses ao lado das tropas da UNITA que se movimentam no Norte. Esta informação, que não teve qualquer confirmação e não foi entretanto repetida, poderia desencadear uma onda de violência semelhante à que viu os zairenses — teme-se entre os portugueses.

Na opinião de alguns diplomatas ontem ouvidos pelo PÚBLICO, não é racional antever um quadro desse tipo, em que os portugueses ou outros quaisquer cidadãos se tornem alvos selectivos. Mas vai-se formando um certo consenso no sentido de que a sociedade angolana, sobretudo na capital, tende a tornar-se mais violenta. “A escassez de bens que a guerra acarreta começa a provocar a incerteza quanto ao futuro, começa a criar o ódio contra os que aparentam ter dólares”.

No mercado dos Congolezes, sentada com outras mulheres frente a um carapau e feijão de óleo de palma, uma quitandeira apalpava a barriga do repórter e acusava: “Tu tens dólar. Não precisas comer isto.” ■

Presidente angolano rejeita apelo de Soares

EXPRESSO, SÁBADO 23 DE JANEIRO DE 1983

■ Comprometida reunião MPLA/UNITA em Addis Abeba

Gustavo Costa
correspondente
em LUANDA

UM MEMBRO do Gabinete do chefe de Estado angolano classificou ontem de «absurdas» as declarações do Presidente português sobre a realização de um encontro entre José Eduardo dos Santos e Jonas Savimbi.

Esta tomada de posição de Mário Soares — que obteve o apoio pleno dos titulares das pastas dos Negócios Estrangei-

ros do Brasil e da África do Sul — foi divulgada na quinta-feira pelo jornal «Público», num texto cujo teor poderá ter adensado «as desconfianças» que Luanda mantém relativamente a tal encontro, segundo a expressão utilizada pelo referido assessor de Eduardo dos Santos.

Em contacto telefónico, ontem à tarde, Butros Ghali, secretário-geral da ONU, disse a Soares que iria renovar o seu próprio apelo de 22 de Dezembro para uma cimeira dos líderes angolanos. A verdade, po-

rém, é que, de acordo com informações recolhidas pelo EXPRESSO junto de fontes diplomáticas europeias, o Presidente angolano nunca encarou favoravelmente a ideia de um encontro que o colocasse em pé de igualdade com Savimbi.

Addis Abeba, adeus?

Comprometida parece estar também a realização, na próxima semana, em Addis Abeba, da reunião político-militar proposta ao Governo de Luanda,

pela direcção da UNITA, em carta de Savimbi endereçada terça-feira ao ministro das Relações Exteriores, Venâncio de Moura.

Em contacto telefónico estabelecido ontem à noite com o EXPRESSO, o responsável pela Informação da UNITA, Jorge Valentim, não garantiu a participação da sua organização na reunião na capital etíope, salientando que «a UNITA só discute com base em documentos» e que estes ainda não

fazer tábua rasa dos resultados de umas eleições que a comunidade internacional considerou justas e democráticas».

Quando no último fim-de-semana, depois de ter visto reduzida a escombros a «Casa Branca», no Huambo, onde residia desde Outubro, Jonas Savimbi anunciou que voltava a envergar a farda de general para comandar pessoalmente as operações militares da UNITA, Serafim Sampalo, um dos soldados da UNITA retidos em Luanda «sob custódia» do Governo, repetiu uma das palavras de ordem do líder rebelde durante a campanha eleitoral: «Agora é que isto vai ficar feio!».

Derrotada na «guerra das cidades», a UNITA parece agora decidida a vencer a «guerra do petróleo». Com a ocupação, quarta-feira, da localidade de Soyo e a iminência de um ataque de grande envergadura contra a cidade de Cabinda e o complexo petrolífero, Savimbi cumpre a sua ameaça de «golpear onde dói mais».

O Presidente Eduardo dos Santos reuniu de emergência os comandantes das Forças Armadas Angolanas (FAA) para traçar uma «estratégia de contenção» dos avanços das tropas da UNITA no Huambo e no Norte. Uma das decisões tomadas foi o desdobramento do Estado-Maior-General das FAA entre a Catumbela, província de Benguela — para onde se deslocou o general João de Matos —, e Cabinda, onde se encontram desde quinta-feira altas patentes das FAA.

Enquanto a UNITA abandonou muitas das localidades que ocupava e parece concentrar as suas forças para a defesa do Huambo e conquista de Menongue e Ondjiva, no Sul, e Saurimo, no Leste, as tropas governamentais preparam-se para desencadear uma grande ofensiva a partir de Lubango e de Benguela e desembarcaram enormes quantidades de material de guerra no porto de Lobito.

Segundo um alto funcionário da segurança angolana, a contra-ofensiva governamental — que conseguiu já romper as linhas da UNITA que bloqueavam a progressão das FAA em direcção ao Huambo — foi decidida na sequência do aniquilamento de uma coluna de forças policiais e militares saída de Benguela em perseguição das tropas de Savimbi que fugiam em direcção à capital do planalto.

Entretanto, o bombardeamento da cidade de Huambo pela Força Aérea de Luanda, que começou quarta-feira à noite, causou mais de 1500 mortos, segundo algumas testemunhas.

«A UNITA sofreu um golpe muito duro nas últimas quarenta e oito horas» — afirmou ao EXPRESSO um refugiado que acabava de chegar de Huambo onde, disse, «neste momento não existem praticamente casas com telhados». Um funcionário da Caritas Internacional declarou que «Huambo está a transformar-se numa nova Beirute». Em Luanda, a população acusa o Governo e a chefia das FAA de não terem tomado a sério as ameaças de Savimbi, «sabendo que o líder da UNITA podia decidir mergulhar o país na escuridão». A ocupação, praticamente sem resistência, de Soyo e dos campos petrolíferos do Norte de Angola, significa a perda de 1,5 milhões de dólares de re-

ceitas por dia.

Um general angolano na reserva atribuiu a perda desta região, de importância económica vital, «à má coordenação do comando» das FAA, que permitiu a Savimbi «aproveitar-se da vulnerabilidade da artilharia e da infantaria das antigas FAPLA, devida à desmobilização da maior parte dos efectivos e à venda de material aos antigos oficiais».

Luanda acusou Mobutu de apoiar militarmente a UNITA, embora sem apresentar provas concretas da presença de tropas zaienses em Angola; o embaixador do Zaire, por seu turno, negou o envolvimento do seu país, admitindo, contudo, a «convivência de alguns círculos de interesses privados zaienses».

Lopo do Nascimento foi, por outro lado, esta semana a Pretória convencer o Governo de De Klerk a pôr fim ao apoio que grupos privados da África do Sul fornecem à UNITA.

soldados zaienses prisionados no Huambo, nos combates entre as suas forças e as da UNITA.

Citando fontes governamentais, a agência ANGOP referiu que os prisioneiros, capturados sexta-feira, serão transportados para Luanda e apresentados em conferência de imprensa aos jornalistas nacionais e estrangeiros.

Na capital, vive-se o rescaldo dos motins de há dois dias, que, segundo a embaixada do Zaire em Luanda, teriam provocado pelo menos 62 mortos. Civis armados, furiosos com as notícias de que o Zaire estaria a apoiar a UNITA, espancaram e pilharam vendedores de rua zaienses e angolanos regressados recentemente do país vizinho, nos principais mercados da cidade (ver PUBLICO de ontem).

«Foram incendiadas casas, as pessoas foram espancadas e esfaqueadas, abatidas a tiro, as mulheres foram despidas e violadas», disse o cônsul zaireense, Iko-lo Nkoka, em declarações à

Angola

PUBLICO

FAA abatem avião sul-africano

DOMINGO, 24 JANEIRO 1993

9

O GOVERNO angolano anunciou ontem ter abatido um avião sul-africano que tinha descolado da Jamba, o antigo reduto da UNITA, no sul do país. O aparelho, um Hercules C-130, que «tinha partido da Jamba com mantimentos para as tropas da UNITA», foi abatido sexta-feira à tarde, diz-se num comunicado do Governo, lido pela rádio de Luanda. O avião, alegadamente sul-africano, despenhou-se em Chicala-Chiloango, referiu o estado maior general das forças governamentais.

«Trata-se de mais uma prova de que forças da África do Sul estão envolvidas e a tomar parte na guerra em Angola, do lado da UNITA», acrescenta o comunicado. O governo sul-africano já desmentiu qualquer envolvimento na nova fase da guerra civil angolana e afirma desconhecer o incidente com o avião.

Ainda quanto aos envoltos externos, o governo angolano diz que vai apresentar na próxima semana, à imprensa, quatro

Reuter. «Mais de 50 zaienses procuraram refúgio na embaixada e no consulado, e estamos a aconselhar toda a comunidade a partir», disse.

Segundo o diplomata, mais de 200 zaienses morreram em ataques semelhantes em Luanda, no início de Novembro, quando houve o ataque às forças da UNITA. O Governo zaireense já apresentou um protesto formal a Luanda por este segundo ataque.

«Amigo americano» afasta-se da UNITA

A situação no país, depois de duas semanas de guerra, continua a ser caracterizada por focos generalizados de combates, com a agência LUSA a falar em mais de seis mil mortos.

Os Estados Unidos dizem-se preocupados com possíveis ataques da UNITA a instalações estrangeiras em Cabinda, dizendo que isso teria «graves implicações» nas relações entre Washington e os seus anti-

gos aliados na guerra civil angolana.

O Departamento de Estado, através do seu porta-voz Richard Boucher, disse sexta-feira à noite que os Estados Unidos «condenarão nos termos mais fortes qualquer ataque a instalações ou pessoal americano em Cabinda ou qualquer outra parte de Angola».

O correspondente da SIC em Washington interpretou esta advertência como um sinal de distanciação americana em relação à UNITA e, referindo um documento do secretário de Estado Warren Christopher, previu o reconhecimento do Governo de Luanda pela Administração Clinton. Num prazo de «entre três e seis meses».

O secretário-geral da ONU, Butros-Ghali, recomendou entretanto que as Nações Unidas reduzam a sua presença em Angola a um mínimo e retirem completamente se não se registarem progressos para um cessar-fogo. A data limite apontada é o final de Abril.

Num relatório ao Conselho de Segurança, o secretário-geral propõe que a ONU retire imediatamente o seu pessoal para Luanda e reduza os seus efectivos a um total de 64 pessoas, incluindo 30 observadores militares, seis observadores da polícia e 28 quadros administrativos.

A questão das conversações entre representantes do governo de Luanda e da UNITA, que deveriam ter começado ontem, poderão, segundo várias fontes, iniciar-se na próxima semana, mas as informações sobre o local continuam a ser confusas.

O representante da UNITA em Washington, Jardo Muekalia, fala da possibilidade do encontro entre as duas delegações a partir de segunda-feira, em Adis Abeba, sob os auspícios da ONU, mas o secretário para a informação do movimento, Jorge Valentim, diz que a capital da Etiópia não serve, porque o regime daquele país da África oriental teria recentemente proclamado o seu apoio ao MPLA. ■

O efeito Angola na África Austral

PÚBLICO

SEGUNDA-FEIRA, 25 JANEIRO 1993

DEVIDO À sua posição geográfica, Angola é um país da África Austral, mas também da ocidental, à qual até talvez pertença mais profundamente. Foi uma razão histórica relativamente recente — a interferência da África do Sul na guerra angolana, logo a seguir à descolonização, a posição de Luanda no combate contra os regimes do "apartheid" e o seu papel no caso da Namíbia — o que "empurrou" decisivamente Angola para a África Austral.

Vejamos então, de que forma a situação em Angola afecta hoje a África Austral. E devemos aqui incluir o Zaire, que, neste caso, está intimamente ligado a ela, como, aliás, os acontecimentos dos últimos dias têm ilustrado.

De uma forma geral, o processo de paz para Angola era encarado positivamente na região. "Colado" ao processo de independência da Namíbia, que correu bastante bem, esperava-se que os processos de paz em Angola e em Moçambique criassem a dinâmica necessária para uma solução pacífica e politicamente aceitável na África do Sul.

A vitória do presidente Frederick Chiluba, na Zâmbia, e a tranquila transição que se lhe seguiu, eram também prenúncios positivos. No entanto, tudo isto se desmoronou em poucas semanas.

O reacender da guerra em Angola teve efeitos diferentes nas duas organizações que representam a região a nível político e a nível económico. A última cimeira dos países da Linha da Frente mostrou que permanece firme a solidariedade política para com o Governo angolano. Já no seio da Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral (SADC), a situação é diferente. A guerra vai atrasar importantes projectos regionais e afectar o desenvolvimento

económico conjunto que se previa com a paz.

Mas vejamos, caso a caso, a importância da crise angolana para os países da região. E comecemos, precisamente, pelo Zaire.

Desde há muito aliado de Jonas Savimbi, o presidente Mobutu Sese Seko parece continuar a apoiar as suas atitudes belicistas por razões nacionais e pessoais: por um lado, a conveniência de um vizinho enfraquecido, e talvez desmembrado, que lhe permita pensar na anexação de Cabinda; por outro, o seu próprio futuro político como Presidente do Zaire. Criticado e pressionado duramente, a nível internacional, para abandonar o poder, Mobutu pode estar a tentar demonstrar aos antigos amigos que ainda é útil no lugar que ocupa.

O Zaire serviu, durante muito tempo, de trampolim para canalizar o armamento americano enviado para o movimento de Savimbi. Servia igualmente para fornecimentos e pessoal, vindos da África do Sul, chegarem às zonas da UNITA no Norte de Angola. Com o fim da guerra, essa função, em teoria, tinha acabado, mas o seu recomeço pode fazer os aliados de Savimbi recordarem que o Zaire é uma excelente via de infiltração em Angola. No caso, hoje menos provável, de os Estados Unidos voltarem a apoiar a UNITA, o Zaire de Mobutu seria insubstituível.

Passemos agora para Moçambique, onde as implicações do que se passa em Angola são mais óbvias. Com um processo, apesar das muitas diferenças, paralelo ao angolano, Moçambique é fortemente influenciado pelo que se passa na costa atlântica. A ideia mais repetida hoje neste país é que há que "evitar o que está a acontecer em Angola".

Foi devido aos acontecimentos de Angola

que o Conselho de Segurança votou o envio de forças nitidamente superiores para Moçambique. Significativo, sobretudo, é que quase todas as forças políticas moçambicanas já tenham declarado que só é possível realizar eleições depois da efectiva desmobilização dos dois exércitos e da criação do futuro exército único.

E, se este é o aspecto mais visivelmente paralelo entre os dois processos, isso não quer dizer que muitos outros não existam. Um deles, não resolvido até ao momento, é o da existência de duas administrações no país. O que se passa em Angola pode criar para Moçambique, mas não só, o sério problema de os derrotados nas eleições procurarem obter pela violência as vantagens que não conseguem nas urnas.

E isto leva-nos a passar para a África do Sul.

Caso Jonas Savimbi consiga dividendos políticos através da desestabilização, o precedente pode ser muito perigoso na África do Sul, onde o peso eleitoral do partido Inkhata é muito pequeno, mas a sua capacidade de desestabilização violenta já é grande e continua a ser alimentada, inclusive, diz-se, através de uma ligação com a Renamo.

Por outro lado, a aliança entre os militares sul-africanos e a UNITA não será facilmente quebrada, mesmo que Frederick Klerk o queira. E não é claro que queira. Os aviões que sobrevoaram território do Botswana, da Namíbia e do Zimbabwe para ir abastecer a UNITA são sintomas importantes.

O recomeçar da guerra e a posição dúbia de Pretória fizeram, além disso, desmoronar a cooperação económica entre os dois países, que crescia aceleradamente, levando mesmo ao encerramento da representação comercial sul-africana em Luanda. Tal como noutras ocasiões, a

lógica militar parece ter prevalecido sobre os interesses económicos.

Em relação à Namíbia, a situação é agora completamente diferente da anterior fase de guerra em Angola. Nessa altura o Sudoeste africano era dominado pela África do Sul. Com uma extensa fronteira com o Sul de Angola servia de porta para as zonas controladas por Savimbi nessa região do país.

Com a Namíbia independente, a UNITA perdeu uma longa fronteira amigável. Embora Windhoek não tenha capacidade para impedir os aviões sul-africanos de sobrevoarem o seu território, tem pelo menos a capacidade de alertar a comunidade internacional para esses voos e para impedir o trânsito por terra através do seu território. E é já uma grande diferença.

O Governo de Sam Nujoma não tem nenhum interesse no recomeço da guerra em Angola, mas, se tiver de apoiar uma das partes, ela será, sem dúvida, o Governo de Luanda. Para a Namíbia, uma das consequências da guerra no país vizinho é o fluxo de refugiados, fugindo do conflito.

O mesmo se passa com a Zâmbia. Para além dos prejuízos de mais um adiamento da reabertura do Caminho de Ferro de Benguela, a guerra pode significar para a Zâmbia mais refugiados e mais turbulência fronteiriça. Apresentando-se como campeão da democracia, Frederick Chiluba não pode apoiar Jonas Savimbi nas suas posições antidemocráticas. E de ter em conta, no entanto, que a Zâmbia não assinalou o sobrevoo do seu território por aviões sul-africanos, o que muito provavelmente terá acontecido, se tais aparelhos sobrevoaram depois o Zimbabwe. E isto pode ter o seu significado. ■

Cabinda em “pré-guerra”

António Matos
em Cabinda

Cabinda é a única parcela do território angolano aonde a guerra ainda não chegou. Mas o estado de pré-guerra percebe-se no nervosismo da polícia e das tropas, que contrasta com a calma entre a população. As empresas reduziram ao mínimo o seu pessoal estrangeiro. A ameaça, agora, é a UNITA, que, diz-se, conta com o apoio do Zaire. Da FLEC, nos dias, nem se fala.

A terra ainda fresca nas trincheiras revela o reforço recente das defesas do enclave contra uma eventual invasão. Estamos na fronteira sul de Cabinda, com o Zaire, no loma. A guarda angolana não disfarça o nervosismo e abrevia a presença dos repórteres, que seriam seguidos, detidos e depois ostensivamente vigiados durante toda a permanência no antigo protectorado de Portugal.

De regresso à cidade, os jornalistas do PÚBLICO e da RTP param num posto de controlo. Antes que seguissem num jipe que os ultrapassara denunciavam uma inexistente recolha de imagens “em objectivos militares” e determinam que os repórteres se dirijam ao comando provincial da polícia. No posto, o mais empertigado dos agentes — à paisana — era um indivíduo que esteve durante toda a manhã no “hall” do Hotel Maiombe, de onde os jornalistas partiram.

O que perturbava aqueles homens, percebeu-se depois, era que os jornalistas estivessem no enclave sem o seu conhecimento. “Essas credenciais [de Luanda] não servem. Não tínhamos conhecimento da vossa presença aqui, em Cabinda.” Um dos “ninjas” ainda diria: “A UNITA infiltra os seus homens assim.” Depois de uma hora no comando, chegaria o recado do governador, Augusto Tomás: “Deixem os homens trabalhar à vontade.”

Mesmo assim, quando à tarde se encontravam numa obra, a conversar com portugueses de uma empresa de construção civil, os jornalistas seriam novamente interpelados, desta vez

por um sargento das FAA que usava um único argumento: “Eu não sabia da vossa presença cá.”

O governador e os militares desculpar-se-iam invocando o clima de nervos que se instalou no enclave desde que, no dia 16, a UNITA abandonou os comités-piloto em direcção à mata, algures no território zairense, admite-se.

Ao fim da manhã de sábado, agentes da polícia carregavam para o comando da polícia os despojos da sede provincial do Galo Negro. Vários megafones, uma longa faixa amarela com palavras de ordem e a efígie de Savimbi, cartazes. Era preciso um camião para ir buscar outras coisas, talvez móveis. “A banga [vaidade] se acabou”, dizia um soldado.

Junto ao edifício que serviu de sede provincial da UNITA, uma criança de oito anos tem a resposta na ponta da língua: “Saíram. Foram no mato.” Todos os dirigentes e militares do partido e as suas famílias tinham deixado a cidade, na noite de sábado para domingo, havia oito dias. Segundo Augusto Tomás, 37 entregaram-se às autoridades provinciais.

A ameaça

Quarenta quilómetros de Zaire separam Cabinda do restante território angolano. Uma eterna ameaça para os cabindas, que temem agora, mais do que nunca, uma invasão de tropas zairenses aliadas aos guerrilheiros da UNITA. Por isso, toda a atenção é pouca por parte da Polícia e das Forças Armadas Angolanas (FAA) — cujo contingente é quase exclusivamente constituído por antigos elementos das FAPLA (anterior exército do MPLA).

Na orla de cerca de 20 quilómetros, da cidade até à fronteira sul, é visível uma movimentação intensa de tropas. No asfalto e nas terras circundantes, o sulco das lagartas dos carros de combate, agora dissimulados por folhagem. Até à costa, o verde da planície do Zaia, as mais férteis terras do enclave, entregues a si próprias, cobertas de palmeiras.

De acordo com fonte militar do enclave, toda a extensão da fronteira com o Zaire (a sul e leste do território) está fortemente vigiada pelas FAA. O PÚBLICO apurou, entretanto, que o abas-

tecimento alimentar das forças governamentais, assegurado por Portugal, desembarca directamente no porto de Cabinda. “É um sinal da nossa autonomia progressiva”, comentou o governador.

“Aqui não vai ser um Soyo”, diria mais tarde ao PÚBLICO o comandante da Zona Militar de Cabinda, general José Pedro, que reafirma a participação de tropas zairenses ao lado da guerrilha da UNITA. A aparente facilidade com que as forças da UNITA conquistaram, na semana passada, a zona petrolífera do Soyo, e que levou alguns militares em Cabinda a falar de traição dentro das FAA, perturbou os habitantes da província.

Quando o repórter do PÚBLICO desembarca em Cabinda, no sábado de manhã, 10 trabalhadores da empresa portuguesa Soares da Costa e outros tantos da italiana CTIP, ambas de construção civil, prepararam-se para viajar para Luanda, de regresso aos seus países. Suspenderam a construção do terminal oceânico, 20 quilómetros a norte da cidade. O consórcio petrolífero Cabinda Gulf reduzira já ao mínimo o número de trabalhadores estrangeiros que se mantém no enclave. Portugueses em Cabinda são agora cerca de 300.

“A ameaça da UNITA é mais forte do que a da FLEC [Frente de Libertação do Enclave de Cabinda]”, reconhece-se entre os estrangeiros. Opinião semelhante à de Augusto Tomás, que está convencido de que os independentistas preferem a solução política à solução militar. O Governador diz manter-se em contacto permanente com a FLEC-FAC (Forças Armadas de Cabinda), de N’Zita Tiago, e a FLEC-Renovada, de Tibúrcio Luemba.

A “queda” do Soyo é a razão que todos apontam, no mercado da cidade, no sábado de manhã, para justificar algum nervosismo que se nota. De resto, a vida — pelo menos na capital da província e no Sul do enclave — tem todos os sinais de normalidade. As pessoas

circulam pelas estradas, as mulheres continuam nas lavras, nos mercados não escasseiam os produtos. Aqui, a vida é mais barata do que no resto do país. Uma cerveja ou um refrigerante compra-se por 2500 kuanzas (cerca de 50 escudos) e custa o dobro em Luanda; um maço de cigarros ronda os cinco mil kuanzas, um terço do preço na capital do país.

Mercenários?

“Branco, grandes, cabelos compridos, enfeitados”, assim descrevem os

refugiados do Soyo, entre eles militares e polícias, alguns dos homens do exército que controlou aquela região. “A gente quer meter bala, a bala não entra. Ele avança para a gente, pára, tira a boina, limpa o calor com a boina e depois dispara.” Este é o retrato dos alegados mercenários, ouvido pelo PÚBLICO a vários refugiados que se encontram, desde a noite de sexta-feira, num edifício da Segurança Social, em Cabinda.

Estevão, 27 anos, diz que as forças governamentais descuidaram a defesa da região, mas admite que lhes “faltou equipamento militar sofisticado”, referindo-se aos coletes à prova de bala que as forças atacantes envergavam. Depois de se falar em mercenários sul-africanos e zairenses, este jovem avança com uma nova acusação: “Também havia marroquinos.” E garante que os anos que estudou na ex-União Soviética lhe permitem “identificar facilmente um árabe”.

Poucas mulheres e crianças no grupo. “As mulheres e as crianças ficaram abandonadas”, diz Domingos Dadé, um homem que aparenta mais do que os 34 anos que diz ter. Descreve sumariamente a fuga: “Todos tivemos que nos atirar ao mar, nadámos mais de 20 milhas e depois houve um barco que nos recolheu.”

No regresso a Luanda, damos boleia a dois “ninjas”, também refugiados. Abandonaram as fardas — um deles traz ainda o colete à prova de bala. Insistem na teoria da “traição para favorecer a UNITA” e acusam os chefes de terem sido “os primeiros a fugir”. “Muitos suicidaram-se”, acrescentam. Ambos voltam a Luanda, para, ainda hoje, se irem apresentar no posto de comando. Para ver se vale a pena continuar. ■

O Soyo caiu nas mãos da organização de Savimbi

UNITA captura portugueses

Fernando de Sousa
com António Matos
em Luanda

Forças de Savimbi capturaram 14 portugueses no cerco ao Soyo, a cidade petrolífera que ontem caiu nas mãos da UNITA aparentemente por causa de uma "zanga de comandantes" governamentais.

Catorze portugueses foram capturados pela UNITA na sequência do ataque e ocupação, ontem, da cidade do Soyo (antiga Santo António do Zaire) por forças da organização de Jonas Savimbi, anunciou uma fonte do Consulado-Geral de Portugal, em Luanda.

Contactada pela agência Lusa, a mesma fonte disse que a de-

tenção daqueles cidadãos nacionais ocorreu no campo 8 da empresa petrolífera Fina, a 20 quilómetros do Soyo, e que a representação portuguesa estava em contacto com várias entidades oficiais e organizações para conseguir a sua rápida libertação.

Com os portugueses terão sido presos ainda um cidadão italiano, um argentino e um britânico.

Outros 40 portugueses, entre os quais 20 trabalhadores da Fina, evacuados por navios das empresas que laboram na região do Soyo antes do início das hostilidades, chegaram a Luanda, receando alguns pela sorte dos seus colegas detidos. Mas a representação portuguesa disse não ter conhecimento de quaisquer vítimas entre os seus cidadãos detidos pela organização de Savimbi.

Uma descoordenação entre os comandos da polícia e das Forças Armadas terá deitado a perder o controlo do Soyo pelas forças governamentais. Fontes próximas do Governo disseram

ao PÚBLICO, em Luanda, que a derrota se deveu a uma "zanga" entre os comandantes da polícia e das Forças Armadas governamentais. "Nunca imaginei que a ocupação fosse tão fácil", disse à Lusa um dos portugueses chegados a Luanda, acrescentando que alguns trabalhadores angolanos procuraram refúgio entre as falésias.

Os combates começaram de manhã depois de uma noite "relativamente calma", disse uma fonte militar à Lusa. A mesma fonte disse que a luta começou às 6h00 da manhã e causou um número "indeterminado" de vítimas, mas a Rádio Nacional de Angola silenciou a derrota do Soyo durante todo o dia.

Anstee zangada

A representante da ONU em Angola esperou entretanto no fim de semana um telefonema do dirigente da UNITA, para discutir a proposta do dirigente de Jonas Savimbi sobre

questões políticas e militares, "mas ele não chegou", queixou-se Margaret Anstee à AFP.

"O tempo esgota-se", disse Anstee, sublinhando que o mandato da ONU termina no fim do mês. "Sinto que a reunião de Adis Abeba [o encontro de chefias militares sugerido por Savimbi e aceite pelo Governo, mas que a UNITA recusou de véspera] era, senão a última possibilidade, pelo menos uma das últimas", disse.

A representante da ONU recusou admitir que esta se retire do país. "Angola é muito importante e a situação muito desesperada para que a comunidade internacional lave as mãos". Objectivo: procurar uma solução "intermédia" para "manter uma presença que permita acompanhar a situação até que esta se clarifique". O Conselho de Segurança deverá, segundo ela, renovar o mandato da ONU.

Continuam por outro lado os combates em Luena (Moxico), onde se registam trocas de

tiros de artilharia pesada e de morteiros, Huambo, sitiada por dez mil homens da UNITA, entre os quais tropas chegadas de Benguela e do Bié, Menongue (Quando Cubango). Há concentrações de forças de Savimbi e canhões de 65 milímetros em Cacula, imediações do Lubango (Huila) e a norte de Onjiva (Cunene). Houve recontros ocorrem ainda em Saurimo, capital da Lunda Sul.

A guerra das cidades transformou-se na guerra das aldeias que é preciso procurar no mapa, como Doque e Toco, na provincia de Huila, Pundo, perto de Luena, ou em Oshiadi, a 40 quilómetros da Namíbia. Mas o Governo decretou tolerância de ponto, segunda-feira à tarde, para as pessoas poderem ir apoiar a equipa nacional ao Estádio da Cidadela, num jogo com a selecção do Egipto, de apuramento para o Mundial de Futebol, que resultou em 0 a 0...

Apesar do "fair play" governamental, que insiste na sua disponibilidade para o diálogo, a

extensão do conflito armado, o fracasso das tentativas de mediação e o carácter belicista dos comunicados mostram que Angola não se afundou apenas num somatório de confrontos mas é teatro de um confronto generalizado.

Os factos e os comunicados da UNITA falam pela sua estratégia: pressionar militarmente, enfraquecer economicamente, preparar o diálogo numa posição de força. Uma política de terra queimada.

Os principais vectores da economia angolana — os diamantes e o petróleo — estão paralisados. Laboram no Soyo cinco companhias de exploração petrolífera — a brasileira Petrobrás, a americana Texaco, a italiana Agip, a francesa Elf e a belga Fina. A Rádio Nacional de Angola reconheceu que todas as operações petrolíferas estão suspensas.

Os ataques da UNITA levaram o Programa Alimentar Mundial (PAM) a cancelar todas as operações de abastecimento a Uije, Cuito e Luena, disse uma fonte da organização à Lusa. Alimentos ainda chegaram ontem a Malanje, onde se encontram dez mil deslocados, mas só Cazombo e Lubango permaneciam no raio de acção dos Antonov carregados de arroz com partida de Harare, no Zimbábwe. ■

Mandela em Portugal

NELSON Mandela desloca-se a Lisboa nos próximos dias 23 e 24 de Fevereiro — sobre o EXERCÍCIO de fonte das Necessidades. A visita do mais famoso militante anti-«apartheid» realiza-se a convite do Presidente da República e do primeiro-ministro. Desde a sua libertação, há três anos, o líder do ANC tem sido insistentemente convidado a visitar Portugal. Mandela deverá encontrar-se com Mário Soares, Cavaco Silva e Durão Barroso — tudo isto se a situação na África do Sul não voltar a agitar-se, levando a um cancelamento. O líder negro foi esta semana a primeira personalidade estrangeira recebida por Bill Clinton na Casa Branca.

Armas da Renamo

QUARTA-FEIRA 21 JANEIRO 1993

O CONFLITO sobre a lista das armas que os membros da Renamo devem entregar à força de manutenção da paz da ONU foi "resolvido" depois de um encontro entre representantes das Nações Unidas e a direcção da Renamo. Esta declarou, segunda-feira, depois de uma reunião da Comissão do Cessar-Fogo, que não podia fornecer uma lista detalhada das armas e munições na sua posse, com vista a desmobilização. Ontem, aceitou fornecer essa lista, mas não poderá especificar quantas armas serão levadas a cada posto de desmobilização, devido à dificuldade em obter a informação da localização do armamento. ■

TERÇA-FEIRA, 19 JANEIRO 1993

SOLDADOS ALEMÃES PODERÃO ACTUAR EM MOÇAMBIQUE — O Exército alemão vai abrir listas de voluntários para integrarem a missão de paz da ONU em Moçambique (Unomoz), afirma a revista alemã "Focus", referindo que serão preferidos os voluntários que saibam português. Já na Primavera, deverá ser enviado um batalhão de sapadores alemães para a antiga colónia portuguesa, para trabalho de desminagem. Cerca de 120 outros soldados e civis alemães, segundo pedido da ONU, ficarão estacionados na sede da Unomoz, em Maputo, e nas cidades da Beira e de Nampula.

Negociações em segredo

QUARTA-FEIRA 21 JANEIRO 1993

O GOVERNO sul-africano e o ANC (Congresso Nacional Africano) iniciaram ontem cinco dias de conversações à porta fechada para remover os obstáculos à formação de um Governo de transição e à realização das primeiras eleições multipartitadas. Uma fonte oficial disse que ontem se discutiram assuntos de segurança e que hoje seria abordado o futuro do braço armado do ANC. Além do clima de violência e da desconfiança entre as duas partes, a grande sombra que paira sobre as negociações é a atitude do Inkatha, que denuncia o "conluio" entre Governo e ANC e recusa reconhecer quaisquer acordos entre eles celebrados. ■